

EROS, PÃ E O MEDO COMO MOTOR DAS REDES SOCIAIS

Por: Julia Duque Estrada Pontes¹

RESUMO: Pã, pânico, pandemia. O mito da criatura com rosto e pés de cabra, o deus Pã, assola a humanidade desde os primórdios. Esse breve e impactante nome é prefixo de uma síndrome que defronta o ser humano com o medo e o desamparo. É, também, nome da ameaça de contágio, em larga escala, que recentemente tomou forma de um minúsculo vírus letal. Hoje, profissionais do marketing abusam dos encantos deste deus ao fabricarem narrativas para “viralizarem” nas redes sociais, conquistando amplo alcance e engajamento. Todas elas têm em comum o apelo à emoção, às respostas irrefletidas e irracionais. São conteúdos empacotados para consumo imediato, que se utilizam do conceito de complexo, abordado pela psicologia analítica. No núcleo de cada complexo há arquétipos, centros mobilizadores de intensa carga afetiva que podem se materializar como os deuses da mitologia antiga. Tomam de assalto as pessoas quando menos se espera, tornando-as manipuláveis aos seus caprichos. Além de Pã, outro deus frequentemente evocado nas narrativas das redes sociais é o intrépido cupido Eros. Ele parece falar sobre o nascimento de um amor que depende da integração de polaridades opostas, como prosperidade e escassez. Este artigo se propõe a analisar como as narrativas fabricadas nas redes sociais ecoam na psique humana, tendo como eixo o mito de Pã, de um lado, e de Eros, de outro. Objetiva refletir sobre meios de lidar com a comunicação digital de modo mais consciente, para que a flauta de Pã e a flecha de Eros possam abrir caminhos na escuridão, no curso da individuação. A hipótese é de que seja possível descortinar novas formas de lidar com a comunicação em redes, inspiradas pela vivência luminosa de tais mitos. Em lugar de narrativas de ódio, apoiadas no medo que polariza e imobiliza, interroga-se a possibilidade de resgate do sentido da palavra “comunicação/communicare” enquanto “comunhão/compartilhamento”. Este artigo parte de conceitos junguianos tais como persona, sombra, complexo e projeção. E também de formas comunicativas compassivas, como a Comunicação não-violenta.

Introdução

Pã que nos habita: a sombra por trás da persona

Na mitologia grega, Pã era composto de distintas partes, metade animal, metade humano. Por ser tão estranho à maioria, despertava pavor, pânico. Vivia nas florestas, chegou a ser associado ao demônio, pois possuía chifres. Essa figura pode ser vista como uma das representações do lado humano mais instintivo, ligado à natureza selvagem, inconsciente e desconhecida. Pã pertence ao reino das chamadas sombras junguianas. Para o psicólogo Carl Gustav Jung, a simbologia dos deuses, tais como Pã, remetem a processos psíquicos humanos, se expressam como imagens

¹ Jornalista e analista em formação pelo Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados (CEJAA)

arquetípicas, emergindo do chamado inconsciente coletivo como potência criativa ou, ao contrário, podendo assumir o controle do indivíduo/massa, ocasionando morte e destruição.

As forças propulsoras do movimento psicológico de massa são de natureza arquetípica. Todo arquétipo traz em si o bom e o mau, o que há de mais baixo e mais elevado, o que explica seus efeitos tão contraditórios [...] A meta terapêutica é permitir a realização do que o arquétipo possui de bom, válido e vivo, integrando-o à consciência. [...] Se um arquétipo não se realiza de modo consciente, o perigo de uma regressão maléfica é sempre crescente. (JUNG, 2011, p. 72).

À luz dos conceitos de arquétipo, de inconsciente coletivo e complexo, o psicólogo suíço analisa os movimentos políticos de massa, como o nazifascismo e o comunismo, enquanto epidemias psíquicas, psicoses coletivas, em que a irracionalidade inconsciente assume o comando da consciência. Nessa perspectiva, ele destaca a importância do autoconhecimento, verdadeiro antídoto contra a (auto)destruição humana, que passaria necessariamente pelo encontro com a chamada sombra, aqui nomeada “Pã”.

Nós psicólogos aprendemos [...] A única ajuda eficaz é fazer com que a pessoa se dê conta dos complexos e permitir o surgimento de um conflito consciente. Dessa maneira, o complexo se torna o ponto central da vida. Tudo o que desaparece do inventário psicológico ressurgente na forma de um vizinho hostil que provoca irritação e agressividade. É muito melhor adquirir consciência de que esse inimigo rancoroso mora dentro do próprio coração. (JUNG, 2011, p. 59)

Assim, as sombras atuam como vizinhas ameaçadoras, à espreita, prontas para assumirem o controle, se não tornarem-se conscientes. Quando não aceitas, encaradas e acolhidas, tendem a se projetar “do lado de fora”, em outras pessoas, ideias, valores.

O que significa uma projeção? Significa que projeto características em alguém ou encontro características que nem estão lá, que vêm de algum outro lugar, por exemplo, de mim mesmo [...] Quando podemos desfazer esse processo através da autoconsciência, centrando-nos novamente em nós mesmos, temos um critério seguro e assim sabemos: Por que razão me queixo sobre tal pessoa afirmando que ela não é confiável? Sei a meu próprio respeito que não o sou. (JUNG, 2021, p. 40-41)

“O inferno são os outros”, declarou o filósofo francês Jean Paul Sartre. O conceito junguiano de projeção dá conta de como é mais fácil notar o diabo (a sombra ou Pã) ardendo do lado de fora. É preciso compreender que esse inferno existe dentro, sentir seu calor, e queimar dentro dele, para que a vida não transcorra na companhia de uma sucessão de “bodes expiatórios” (imagens projetadas de Pã) externos.

Pessoas que têm hábito de projetar desejam sempre responsabilizar outras pessoas, como se os outros fossem responsáveis pelas asneiras que cometemos. Por exemplo, alguém acha que a esposa deve trata-lo de modo diferente, pois ele mesmo se trata de modo estúpido. (JUNG, 2021, p. 42)

Para Jung, o encontro com a própria sombra é, portanto, como a travessia de um portal estreito, escuro:

O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas, para sabermos quem somos, temos de nos conhecer a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas, aparentemente sem dentro nem fora, sem em cima, nem embaixo, sem um aqui ou um lá, sem meu nem teu, sem bem, nem mal. (JUNG, 2006, § 45)

Nesse contexto, Pã é um deus dos instintos, das pastagens e matas selvagens. Sem mapa nem bússola, compõe-se daqueles estranhos aspectos da psique humana. Foge-se da solidão como “o diabo da cruz”, mas quanto mais se tenta escapar, tanto mais tenebroso é o encontro. Cedo ou tarde, Pã bate no peito de cada indivíduo e entra pela porta da alma, encurtando a respiração como o mais íntimo sentimento de medo e desamparo. Talvez Pã simbolize um dos mais ancestrais e elementares afetos humanos.

Na infância pessoal, o medo chega associado à floresta escura, ao estar e sentir-se sozinho(a). Como coletividade, Pã deu o ar da graça em momentos como a recente pandemia da Covid. Até parecia que o deus da mitologia grega estava à solta, na forma da morte iminente. O mito faz pensar que é preciso atravessar a floresta escura do universo interior, único e singular, para encontrar o sentido que mora além das chamadas personas.

Parece claro que as redes sociais operam no âmbito da chamada persona, instigando a postar, compartilhar e curtir algumas facetas e ocultar inúmeras sombras de Pã que tais personas abafam. Narrativas das redes sociais são costuradas por palavras e imagens que maquiam o lado sombrio, indesejável, vulnerável, medonho. Nas redes quase não entra o luto, a morte, a velhice. Proliferam beleza, crianças, juventude. No livro *A sombra em nós*, Verena Kast reflete sobre a dinâmica persona e sombra:

De um lado, a persona corresponde ao nosso eu ideal, de outro à nossa ideia de como os outros querem nos ver. Para sermos o mais vistosos possível, reprimimos os lados que não pertencem à nossa imagem “bela”, e isso se transforma então em “sombra”, entendida aqui como os lados que não podemos aceitar em nós mesmos e que não queremos assumir. Mesmo assim, eles fazem parte da nossa personalidade e, como

tudo o que reprimimos, se manifestam de vez em quando mesmo contra a nossa vontade. (KAST, 2022, p. 13)

A persona, diz a autora, se constrói ao lado de um “devemos”, ou seja, da convenção. Reporta-se sempre a um padrão relacional, serve à adaptação social. Também anda de mãos dadas com a noção de autorregulação e controle: “Em que medida devemos controlar/revelar das nossas emoções?” (KAST, 2022, p. 14) Neste artigo, as redes sociais são consideradas como representações simbólicas de personas, que se constroem por meio de roupas, maquiagens, casas, fachadas, imagens de como se deseja (e é “desejável”) ser visto pela sociedade. Quanto mais rígida a persona, tanto mais poderosa a sombra que ela projeta no mundo (nos demais seres, ideias e narrativas/notícias consumidas nas redes sociais). É desse contínuo jogo entre personas e sombras projetadas, que se abastecem as fake news e narrativas das redes sociais em geral.

1. Fake News e a projeção das sombras

As fake news são um prato cheio para as sombras, que se alimentam daquilo que as personas reluzentes procuram ocultar. O motor dessas narrativas mentirosas costuma ser o sentimento de medo (evocação de Pã) que elas nutrem. Quanto mais ativado o complexo amedrontador de cada indivíduo, tanto maior a velocidade e voracidade do consumo de uma narrativa falsa. Mas ao contrário dos contos de fadas, que podem ajudar crianças a elaborar medos mais primitivos, as narrativas das fake news não parecem contribuir para uma elaboração de afetos. Elas repisam um medo difuso, cego, e muitas vezes direcionado a uma coletividade ou pessoa real. Fomentam violência. Uma pessoa aparentemente autoconfiante, se for capturada pelo medo de perder a segurança, pode ser levada a atitudes violentas de um segundo a outro, reagindo de forma acuada e defensiva. Homem-branco-hétero, por exemplo, é a norma social na cultura ocidental, então tudo o que escapar a essa normatização pode ser visto como sombra e projetado fora, no/a outro/a. Será preciso um trabalho de aceitação e integração desses aspectos estranhos à persona (como por exemplo aceitação da diferença, de outras formas de ser viver e amar) para que indivíduos não sejam fisgados por mentiras, retóricas de ódio, fanatismo, discriminação.

Freqüentemente, há tamanho grau de identificação do ser humano com a persona, que ele sente-se profundamente ameaçado por qualquer valor ou ideia que possa se destacar e diferenciar da norma. "O único perigo é identificar-se com a

persona, como, por exemplo, o professor com seu manual” (JUNG, 2006, § 221). Como ilustração, a ideia de “liberdade” construída pela extrema direita no Brasil parece ter se forjado em cima dessa normatividade masculina-branca-hétero. A tal ponto que tudo o que escape de tal norma é visto como ameaçador dessa “liberdade” (imagem-persona construída em diálogo com a sombra do autoritarismo, do medo do diferente, da censura à alteridade). Seja como for, a sombra sempre será projetada no que é estranho, desconhecido e, portanto, ameaçador. O problema está no medo (Pã) de experimentar o novo e não no estranho em si:

Quanto mais vivenciamos o novo e o estranho como sombra, mais medo geram. Quando maior o medo do estranho, maior a probabilidade de vê-lo como sombra. Quando projetamos nossa própria estranheza sobre um estrangeiro e a combatemos nele, temos também que a nossa própria identidade possa ser diluída. (KAST, 2022, p. 63)

Segundo Kast, a experiência do mal está intimamente vinculada à sombra:

Há doença, decadência, morte, fracasso, abandono, perdemos quem amamos, pessoas se aproveitam de nós, etc. Mas em vez de processar essas experiências, que vivenciamos como más, fazemos uma projeção coletiva: o culpado é o mal [...] a figura mítica do diabo é uma variante dessa projeção de experiências que vivenciamos como más, dolorosas. (KAST, 2022, p. 67)

Pã, variação da imagem arquetípica da sombra, demoníaca, definitivamente ecoa a cada compartilhamento e discurso de ódio ressentido que “viraliza” nas redes. Se por um lado a persona é mestre em controlar as emoções, a sombra pode desaguar numa impulsividade irrefletida, instantânea, passional:

Uma argumentação racional é apenas possível e profícua quando as emoções provocadas por alguma situação não ultrapassam determinado ponto crítico. Pois quando a temperatura afetiva se eleva para além desse nível, a razão perde sua possibilidade efetiva.[...] O estado mental corresponde a um grupo da população que se acha coletivamente exaltado por preconceitos afetivos e fantasias de desejo impulsivas [...] baseados em ressentimentos fanáticos, fazem apelo para a irracionalidade coletiva, encontrando aí um solo frutífero, na medida em que exprimem certos motivos e ressentimentos também presentes nas pessoas normais, embora adormecidos sob o manto da razão e da compreensão. Esses indivíduos, apesar de constituírem um número pequeno em relação ao conjunto da população, representam um grande perigo, pois são fontes infecciosas sobretudo em razão do conhecimento muito limitado que as pessoas, ditas normais, possuem de si mesmas. (JUNG, 2021, p. 12)

Pã, na dimensão sombria, alimenta-se da inconsciência humana. Para enfrentá-lo, importante dissecar, personalizar, caracterizar os diversos tipos de medo a que ele se refere. Pã mora, por exemplo, sob as imagens que a extrema direita faz

do “comunista”, em que repousam, a um só tempo, o medo da escassez, da fome, e da violência, da aniquilação, da morte, pois o comunista “come criança”. O comunista é como o lobo mau. Desse modo, esse deus grego pode ser visto como um convite para atravessar as aparências e encarar mais a fundo o medo (e também no medo de sentir medo). Tocando sua flauta, ele convida a ultrapassar a floresta, escura, subir a montanha, não importa quão alta ela seja.

Não à toa, em uma das versões mais antigas do mito, Pã aparece associado à constelação de Capricórnio, cujo símbolo remete à cabra com cauda de peixe (um dos disfarces do astuto deus caprino). Segundo a astrologia, Capricórnio se relaciona à subida da montanha, ao setor do zodíaco que fala da busca por um propósito maior na vida. Relaciona a “grande conjunção” de planetas na constelação de Capricórnio à pandemia da Covid, quando um microscópico vírus obrigou o ser humano a se confrontar consigo mesmo, suas sombras, medos, e o maior deles, a morte. Mundo das aparências, imagens de si, personas, as redes sociais frequentemente se alimentam do medo (medo da escassez, de não ser feliz, de não estar aproveitando tempo, corpo, beleza, juventude, suficientemente). Pois, afinal, a floresta que o vizinho atravessa parece sempre mais verde.

As redes ecoam Pã ao transformar receios mais profundos em produtos para consumo, lhes dando forma e conteúdo. O mito, contudo, indica que o verdadeiro sentido do existir não pode ser encontrado em nada externo. Embora desperte medo, também Pã é “flechado por Eros” ao enamorar-se pela ninfa das águas, Syrinx, que acaba rejeitando-o. Aceitação, amor, sucesso, tudo isso se esvai como a efêmera beleza da juventude. Pã não consegue ser amado, não encontra contentamento enquanto mira fora, enquanto busca se apoiar na imagem/persona que os outros fazem dele. Ao contrário, ele somente encontra sentido na música que brota das próprias lágrimas de sofrimento. Ao dar as mãos à vulnerabilidade e ao arrependimento da sua porção humana. O mito faz pensar que o sentido do existir está na travessia da floresta interna com seus medos e dores. Travessia solitária e pessoal, intransferível. E na integração de nossas partes estranhas, sombrias, diabolicamente dissociadas.

As redes sociais são binárias, polarizam as emoções, oferecem as opções “gosto/desgosto”, não abarcam a ambiguidade que tanto caracteriza Pã e seu colega do panteão grego, Eros. Embora não tenha beleza de Eros, Pã enfeita a alma de quem ouve sua flauta. Ele é medo, mas também desejo de ser amado, independente da

aparência. Na contemporaneidade, é convite ao autoconhecimento necessário para não naufragar nos descaminhos da floresta virtual das redes.

Importante tornar consciente, na medida do possível, os medos mais íntimos. Nas narrativas das redes, as imagens arquetípicas se colam a complexos firmemente enraizados no inconsciente individual e coletivo. Aprender a lidar com a travessia da floresta escura no caminho de casa é o que diz grande parte dos contos de fadas e mitos. É preciso aprender a dançar ao som da flauta de Pã, atravessar a floresta da existência sem cair nos caldeirões da ilusão, da mentira, de falsos líderes. Nesta perspectiva, Pã pode ser vivenciado em sua faceta luminosa e acenar com a possibilidade de um amor que nasce da descoberta de um dom pessoal, de um autoconhecimento transformador.

3. Os deuses nas redes: que medo, falta e desejo te navegam?

Outro mito que ajuda a pensar o efeito das redes sociais no psiquismo é o do nascimento de Eros. É notável que as redes lidam com nosso desejo, buscando administrá-lo e torná-lo produto para consumo. Lidam com o sentimento de escassez, de um lado, e a sensação de abundância, de outro. Uma das versões sobre o nascimento de Eros, o deus do amor, nasce justamente da união entre Penia, deusa da Pobreza, e Poros, deus da prontidão e engenhosidade. A rede cria a todo momento o medo da escassez e incita a busca da abundância. Faz navegar por imagens de corpos em geral jovens, belos, alegres. Em outra das versões do mito, o deus do amor nasce no mesmo dia que a deusa da beleza, Afrodite. Nem sempre andam juntos. Eros é ambivalente, pode gerar dependência, carência, inquietude, ou contentamento, arte, criatividade, beleza.

O mito de Poros e Penia faz pensar que desejo e amor surgem, justamente, da falta, da escassez. O que move o ser humano é a busca. Mas para que a busca não seja labirinto, rua sem saída, é preciso parar, respirar, descansar, contemplar novas paisagens. Compartilhar e construir sentido fora das telas. O estilo de vida na contemporaneidade é calcado no medo da escassez. Acumula-se de tudo e muito pouco, efetivamente, se compartilha. Em lugar da ostentação das aparências, o mito faz pensar sobre potência que habita a falta (de recursos, de riqueza, de bens). Penia não tem quase nada, mas na hora certa gera nada menos que Eros, o amor.

As redes dão forma a sentimentos e anseios que, no entanto, não têm forma fixa e predeterminada. As narrativas nada mais são do que pacotes de medos

personais e desejos profundos. É preciso interrogá-los de modo consciente. Segundo a Comunicação Compassiva, prática de Comunicação Não-Violenta (CNV), cada sentimento traz consigo a revelação de necessidades correspondentes, em geral, não atendidas. Indicam também estratégias para atendê-las. Estabelecer um diálogo com os medos e desejos evocados por Pã e Eros, a partir das comunicações compartilhadas nas redes, pode ser um caminho para identificar necessidades que talvez precisem ser olhadas, aceitas, integradas.

As redes agem de modo compensatório: por exemplo, uma vida esvaziada de sentido busca se alimentar virtualmente de luxos alheios, fofocas de celebridades, instantâneos de alegria. O clicar dos botões pode favorecer a exteriorização contínua de tudo aquilo que não está tendo o devido tempo para ser processado, interiorizado, maturado. Favorece, também, a compulsão, a dependência dos “likes/curtidas”. A emergência da dimensão sombria de Penia, mãe de Eros, no caso, experimentada como necessidade de aprovação, de valorização por alguém de fora, mendicância afetiva. Afinal, um ego que se valida a partir do número de curtidas na imagem das telas não se sustenta fora do virtual.

Também as redes podem representar a ameaça de invasão por uma multiplicidade de outros “eus”, demandas externas e contágios psíquicos que só podem ser administrados por um ego flexível e estruturante. Por isso, importante que os deuses, enquanto arquétipos do inconsciente coletivo, núcleos de complexos de forte carga afetiva, sejam (re)conhecidos e acolhidos na consciência para que possamos gerar vida e não mais destruição.

O campo amplo e vasto do inconsciente, não alcançado pela crítica e pelo controle da consciência, acha-se aberto e desprotegido para receber todas as influências e infecções psíquicas possíveis. Como sempre acontece quando nos vemos numa situação de perigo, nós só podemos nos proteger das contaminações psíquicas quando ficamos sabendo o que nos está atacando, como, onde e quando isso se dá. (JUNG, 2021, p. 13)

O indivíduo contemporâneo se vê amedrontado e ameaçado pela própria existência da comunicação em redes, que descortina a cada segundo um turbilhão de possíveis desastres dos quais ele jamais teria conhecimento antes de viver nessa teia global. Para se proteger, é preciso procurar saber “quem nos está atacando, como e quando isso se dá”. Entender as estratégias do marketing digital na leitura de seus desejos e necessidades. Desvendar as engrenagens em que se estruturam as narrativas. Deixar de lado a ingenuidade apoiada nas polarizações, bem ou mal, certo

ou errado, aceitar a ambiguidade que habita o humano. Para que seja possível lidar com as redes sem virar objeto de epidemias psíquicas, sendo cooptado por algum complexo, importante buscar autoconhecimento. Neste percurso, Verena Kast defende o desenvolvimento de uma sensibilidade para a sombra, além da simples aceitação. “Trazem um aumento do autoconhecimento, da tolerância em relação a nós mesmos, aos outros, e diminuição da hipocrisia. (KAST, 2022, p. 23)

No Brasil, vimos na ascensão do ex-presidente Jair Bolsonaro algo dessa busca por um “mito salvador” sombrio, que expressa um complexo cultural brasileiro, em geral vivenciado na persona “hospitaleiro, cordial” porém nem tanto. O racismo, a homofobia, o preconceito à moda brasileira sempre foram minimizados, como se não existissem. Aqui há o mito da miscigenação, contudo implementada à força pelos brancos europeus, na união violenta com indígenas e descendentes de africanos. Essa aparente tolerância para com o diferente ocorreu de forma imposta, sob caldo de dor e negação das diferenças. Não houve respeito à diversidade, desde que a primeira nau europeia desembarcou por aqui. Portanto, a ideia do estrangeiro/estranho soa ameaçadora. É vivida com ambiguidade. Embora brasileiros sejam expressão da miscigenação, na composição de tal mistura as diferenças foram aviltadas, violentadas, vilipendiadas. Tudo isso vira enredo para as narrativas das fake news. “Quando não conseguimos assumir a sombra, tentamos esconder ou negá-la, nós nos tornamos suscetíveis a manipulações e chantagens” (KAST, 2022, p. 39).

Para lidar com as fake news, talvez seja interessante uma espécie de inventário de parte de nossos complexos culturais e pessoais. Necessários buscar momentos de introspecção, o que vai na contramão da tendência de exteriorização contínua sublinhada pela cultura das redes. Meditar, contemplar, silenciar. Nesse sentido, o simbolismo da astrologia, do tarot, a ferramenta da CNV, podem concorrer para ajudar a fazer da flauta de Pã uma melodia bela e luminosa, e da flecha de Eros uma seta em direção à alteridade, rumo à maior clareza e autoconsciência.

O método terapêutico da psicologia complexa consiste, por um lado, numa tomada de consciência, o mais completa possível, dos conteúdos inconscientes constelados, e, por outro, numa síntese dos mesmos com a consciência através do ato cognitivo. [...] Uma vez que os arquétipos são relativamente autônomos [...] não se pode integrá-los simplesmente por meios racionais, mas requerem um processo dialético, isto é, um confronto propriamente dito que muitas vezes é realizado pelo paciente em forma de diálogo. Assim ele concretiza, sem o saber, a definição alquímica da meditação, como [...] diálogo interior com seu anjo bom [...] Este processo tem um decurso dramático, com muitas peripécias. Ele é expresso ou acompanhado por símbolos oníricos, [...] sob a forma de temas mitológicos. (JUNG, 2006, § 84)

Este artigo conclui que as redes sociais interagem com a psique humana ao evocar deuses como Pã e Eros. Ativam medos e desejos, frequentemente inconscientes, estruturam e mobilizam afetos por meio de narrativas. Cumpre o objetivo ao apontar a necessidade de lidar com a comunicação digital de modo mais consciente, revelando suas engrenagens calcadas na ativação de complexos, medos e desejos. O percurso proposto foi trilhado, mãos dadas com os mitos de Pã e Eros, que simbolizam as sombras humanas despertadas a cada clique, compartilhamento, curtida. Comprova a hipótese de que é possível vivenciar a faceta luminosa de tais deuses. Em lugar de “viralizarem” letalidade e paixões empobrecidas, eles podem contribuir para a expansão da consciência. É preciso trazê-los à consciência para que a flauta de Pã e a flecha de Eros iluminem a escuridão, promovendo a integração em lugar da dissociação, a comunicação como construção de sentidos comuns, em lugar da polarização.

REFERÊNCIAS

JUNG, Carl Gustav. *Aspectos do Drama Contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2006. Edição Digital.

_____. *Presente e Futuro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021

_____. *Sobre sentimentos e a sombra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KAST, Verena. *A sombra em nós*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.